

ENTRE CONSTÂNCIO II E JULIANO: A LINGUAGEM DE POTÂMIO DE LISBOA E O CONHECIMENTO DA LUSITÂNIA DO SÉC. IV

M. Justino Maciel

Com um nome de ressonâncias gregas, que nos transporta para o conceito de rio, em gr. *Potamós*, *Potamius* surge-nos na História como o primeiro bispo conhecido de Lisboa, cuja *acmê* ou, melhor dizendo, cujo *floruit* se baliza entre os anos de 343 e 360. Esteve presente no Sínodo anomeano de Sirmium, na Panónia, reunido no ano de 357, cuja fórmula ariana assinou e, possivelmente, participou também no Concílio de Rimini de 359¹. Teria passado do catolicismo ao arianismo nos anos 355-356 e falecido por volta de 360, a caminho de uma *Villa* que lhe teria sido oferecida pelo Imperador Constâncio II, que reinou entre 337 e 361. Como, porém, a notícia da sua morte só nos vem de um texto escrito em 383 ou 384², este bispo poderá ter vivido até aos anos oitenta do séc. IV, ou seja, até ao tempo do Imperador Teodósio.

¹ A. Montes Moreira, *Potamius de Lisbonne et la controverse arienne*, Louvain, 1969.

² Marcellinus et Faustinus, *De Confessione uerae fidei et ostentatione sacrae communionis (Libellus precum)*, 32, in *Corpus Christianorum*, ed. O. Gunther, Turnhout, 1967, p.368.

Potâmio foi bem conhecido no seu tempo, teve contactos com Atanásio de Alexandria, a quem escreveu e de quem recebeu correspondência, com o Papa Libério e, certamente, com Ósio de Córdoba. Hilário de Poitiers cita-o como um dos bispos arianos, num texto que escreveu entre os anos de 358 e 359³. Em Sirmium, em 357, conheceu a corte do Imperador Constâncio II e o bispo local, Fotino, um dos coriféus do arianismo, a quem alguns anos mais tarde, entre 361 e 363, escreverá de Antioquia o Imperador Juliano nestes termos, aludindo à sua heterodoxia, que servia bem os seus propósitos: *Tu, ao menos, pareces ter razão e estares próximo da salvação, fazendo bem em não meter em absoluto dentro de um ventre o que consideraste um deus*⁴. Estas palavras do Imperador que tentou manter a tradicional religião romana revelam bem como foram acesas as lutas ideológicas no contexto do cristianismo dos meados do séc. IV e como isso servia também a causa do paganismo num último esforço de sobrevivência.

Chegaram aos nossos dias quatro obras do bispo Potâmio: *De Lazaro*, *De Martyrio Isaiae Prophetae*, *Epistula ad Athanasium* e *Epistula de Substantia Patris et Filii et Spiritus Sancti*⁵, todas elas escritas ainda na sua fase ortodoxa, havendo porém indícios de que, no fim da vida, tenha abandonado o arianismo a que terá aderido *a fortiori*, para escapar, inclusivamente, ao exílio a que foram votados os bispos que resistiram, como aconteceu a Hilário de Poitiers, a Atanásio de Alexandria e ao próprio Papa Libério.

³ Hilário de Poitiers, *De Synodis*, 3 e 11, in *Patrologia Latina*, 10, 479-546.

⁴ Juliano, *Cartas y Fragmentos*, Introd., Trad. y notas por José García Blanco y Pilar Jiménez Gazapo, Madrid, Editorial Gredos, S. A., 1982, Carta 90, p. 157. Por razões pragmáticas, que têm a ver com as graves deficiências com que a transcrições de textos em grego surgem publicadas, apesar de todos os esforços despendidos por quem, na realidade, sabe grego clássico, transcrevemos sempre os textos de Juliano, na sua maioria escritos nesta língua, a partir desta tradução em castelhano, também assim mais acessível. Para os textos originais ver, por exemplo, J. Bidez, *L'Empereur Julien, Lettres*, Paris, Les Belles-Lettres, 1960. Nas pp. 174-175 desta obra podemos ver a Carta 90, por sinal das poucas escritas por Juliano em latim, *Ad Photinum*, de que transcrevemos o texto acima traduzido, p. 174: *Tu quidem, o Photine, uerisimilis uideris et proximus saluari, bene faciens nequaquam in utero inducere quem credidisti deum...*

⁵ *Patrologia Latina* (J.-P. Migne, ed., *Patrologiae cursus completus – Series latina* (PL), Paris, 1844 ss), 8, 1411-1418, 11, 251-254 e A. Hamman, ed., *Patrologiae cursus completus – Series latina – Supplementum* (PLS), Paris, 1958 ss.) 1, 202-216. E a edição mais recente de J. Hillgarth & M. Conti, eds., *Altercatio Ecclesiae et Synagogae – Potamius Olisponensis, Opera Omnia*, Turnhout, 1999.

A linguagem de Potâmio enquadra-se no exercício da chamada *Rhetorica Christiana*, cujo objectivo era o discurso lógico sobre o que se entendia ser a verdade das coisas numa perspectiva cristã. Os autores cristãos, logo a partir dos inícios do séc. III, com Tertuliano, procuravam demonstrar que havia legitimidade em contrapor uma *curiositas* cristã à pagã. Os cristãos cultivavam o saber e queriam provar que também eram capazes de discorrer sobre o conhecimento, a filosofia e a arte, defendendo os valores clássicos na medida em que eles o eram verdadeiramente do ser humano. A época do Imperador Juliano (354-360 como César e 360-363 como Augusto), caracterizada pelo sentimento da necessidade de ultrapassar a aparente contradição ética entre classicismo e cristianismo, vai fazer exacerbar as relações socio-culturais numa tentativa final para dar continuidade ao paganismo, obrigando os galileus – termo pejorativo usado continuamente por este Imperador – a testemunhar em definitivo a sua real capacidade para desenvolver uma paideia cristã. Com efeito, o tempo de Potâmio coincide ainda com a subida de Juliano ao poder, ainda na época de Constâncio II, e, por isso, será também proveitosa uma comparação dos discursos de ambas estas personagens, que revelam encontrar-se num mesmo diapasão signficante, embora numa tensão conceptual diferente.

Este tempo, como o temos vindo já a sublinhar, é caracterizado pela tríplice controvérsia arianismo-paganismo-catolicismo. O primeiro, praticamente vencedor com o apoio de Constâncio II. O segundo, ganhando significativo alento com a legitimidade de Juliano como Imperador. O terceiro, em definitivo vencedor com Teodósio. Se os textos que nos deixou Potâmio, primeiro escritor lusitano, testemunham eloquentemente o antagonismo entre o arianismo e o catolicismo, os que nos deixou Juliano não são menos expressivos da luta titânica entre o paganismo e o cristianismo, seja na sua obra *Contra os Galileus*, seja nas suas *Cartas*, *Testemunhos* e *Leis*⁶. Procuraremos encontrar, assim, pontos de contacto formais entre a linguagem de Juliano, representativa do Império, e a de Potâmio, com a qual se faz a ponte à Lusitânia dos meados do século IV e, a partir daí, procurar informações que se poderão revelar de grande significado.

⁶ Juliano, *Contra los Galileos, Cartas y Fragmentos, Testimonios, Leyes*, Introd., Trad. y notas por J.García Blanco y P. Jiménez Gazapo, Madrid, Ed. Gredos, 1982.

A existência de uma *rhetorica christiana* entre nós é-nos testemunhada logo pelo tipo de discurso de Potâmio, que revela uma formação clássica, nas suas vertentes filosófica, gramatical e literária. Citemos a sua definição aristotélica de substância: *Substantia enim res est cuius est res – a substância é a coisa da qual a coisa é feita*. Ou então, *est enim substantia rei omne illud per quod est res – a substância de uma coisa é tudo aquilo pelo qual a coisa existe*⁷. Estas suas definições testemunham com clareza a sua educação filosófica e retórica e servem de pano de fundo à compreensão do seu discurso e do significado da sua terminologia.

O primeiro exemplo que gostaríamos de focar e que consideramos extremamente significativa no discurso de Potâmio, é a utilização da linguagem metafórica no uso do termo *Auriga* para significar a alma humana⁸. O ser humano, para este lusitano do séc. IV, era composto de alma e corpo, sendo esse conduzido por aquela pela vida fora, como o auriga conduzia então, no *cursus* do circo, a sua biga, a sua quadriga ou até mesmo, pelas estradas do Império, um carro de transporte – *plaustrum* ou *carpentum* – ou carro de correio público. Segundo textos da época, damo-nos conta da importância que tinham estes últimos cocheiros que nos surgem representados em certos tipos de sarcófagos da Antiguidade Tardia, de que se pode destacar uma tampa de sarcófago encontrada em Tróia de Setúbal⁹. Nestes transportes puxados por cavalos, bois, mulas e asnos¹⁰, viajavam todos os que podiam pagar as suas deslocações, quase sempre apertados e no meio do suor dos passageiros¹¹. Na posta imperial deslocavam-se aqueles que estavam ao serviço do Estado ou eram chamados pelo Imperador,

⁷ PLS 1, 203 e 206.

⁸ *Dissociato per diuortium mortis auriga*. PL 8, 1413.

⁹ M. Justino Maciel, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996, pp. 160-164.

¹⁰ Juliano, *Cartas*, *op. cit.*, pp. 96- 99. Na p. 284, a propósito de uma lei sobre o correio público, é citada em nota um texto de Sócrates, III, 1, 52, informando que *Juliano libertou os caminhos públicos de animais como mulos, bois e asnos, permitindo apenas que os serviços públicos utilizassem cavalos*.

¹¹ Um amigo de Juliano, chamado Eustácio, agradece-lhe o poder viajar no carro do correio público, onde pode apreciar os plátanos e os ciprestes da paisagem enquanto lê o Fedro de Platão, assim livre *da carreta pública e de cair sobre carreteiros bêbados e mulas fartas de cevada...* Juliano, *op. cit.*, Carta 36, pp. 97-98.

como era o caso de certos bispos¹², podendo pois admitir-se que os que eram chamados pelo Imperador aos Concílios, como o de Sir-mium convocado por Constâncio II, em que participou Potâmio de Lisboa, utilizassem este serviço oficial.

Por vezes, os particulares usavam estes meios para transportar colunas e estátuas para as suas *Villae*, o que é proibido por uma lei de Juliano¹³. Muitas dessas colunas, estátuas e ornatos, uns tirados dos templos do panteão tradicional romano, outros até dos sepulcros, eram levados assim para decorar *Villae*, triclinos e pórticos¹⁴ e, no tempo do Imperador Juliano, obrigados a voltar à procedência¹⁵. Como a muitos destes ornatos se perdia o rasto, designadamente de colunas, ao verificar-se a sua falta na reconstrução dos templos, é o próprio Imperador que ordena a sua substituição por tijolos de quadrante seriados em altura, assim se constituindo colunas de *opus latericium* revestido com estuque pintado¹⁶. Esta contingência da architectura humana servirá, porém, de imagem escatológica a Potâmio, quando fala, por exemplo, das colunas de Jerusalém¹⁷.

Mas a pesquisa sobre a linguagem de Potâmio, ainda só a partir da utilização do termo *auriga*, leva-nos a muitas mais informações

¹² *Recordando o nosso antigo conhecimento e amizade, rogo-te que venhas para o nosso lado; utilizarás um carro público com um cavalo extra para vires até junto de mim*, Juliano, *op. cit.*, Carta 46, p. 100.

¹³ *Ninguém ouse fazer uso dos transportes e cavalos suplementares nos municípios até às vias principais, para que não se levem as estátuas dos particulares em veículos dos provinciais e sejam dizimados patrimónios e fortuna dos provinciais devido ao desnecessário adorno das casas*, Juliano, *op. cit.*, Lei 126c e 126d, p. 298.

¹⁴ *Os nossos antepassados consideraram um sacrilégio trasladar uma pedra dos túmulos, remover a terra ou até arrancar um céspede próximo. E alguns mesmo retiraram ornatos dos sepulcros para os triclinios ou para os pórticos*, Juliano, *op. cit.*, Lei 136 a, pp. 302-303.

¹⁵ *E houveras visto as colunas transportadas umas em barco, outras sobre carros, para ao deuses que haviam sido despojados*, Juliano, *op. cit.*, citando-se Lib., *Or. XVIII*, 126, pp. 310-311.

¹⁶ *Em primeiro lugar ocupa-te das colunas do Templo de Apolo em Dafne, toma-as dos palácios de todas as partes e leva-as; põe em seu lugar as das casas recentemente confiscadas e, se faltarem, levanta-as de ladrilho cozido e de argamassa até as revestir exteriormente com estuque e terminá-las. Que a piedade é melhor que o luxo...*, in Juliano, *op. cit.*, Carta 80, p. 116.

¹⁷ PL 8, 1418: *Columnae Ierosolymmae*.

sobre o quotidiano do Império nos meados do séc. IV, com novas luzes a clarificar certas dúvidas que temos também no Ocidente peninsular.

Não são apenas os Padres da Igreja que criticam os actores e atrizes do teatro, os lutadores no anfiteatro e os aurigas no circo. O próprio Imperador Juliano proíbe os sacerdotes dos templos pagãos de assistir *a esses espectáculos indecentes* e até mesmo de se fazerem amigos de um auriga ou condutor de carros¹⁸. Em Olisipo temos provas das transformações operadas nos teatros na Antiguidade Tardia, com a adaptação da *orchestra* a *colymbetra* para representações aquáticas¹⁹, sinal de que também nestas terras da Lusitânia se perdeu a pureza da festa dionisiaca, como refere Juliano, não faltando também em Potâmio uma terminologia cenográfica quando usa, por exemplo, expressões como *color croceus*²⁰, cor de açafrão, conotada com as diferentes sinestésias das representações cénicas. Mas as transformações nos *theatra* acompanham outras nas cidades do Baixo Império, seja no tecido urbano, como é o caso da reformulação de uns *balnea* pelos anos 336, à Rua das Pedras Negras, em Lisboa, sob os auspícios de Numério Albano, *Praeses* da Lusitânia²¹. O termo *palaestra*, utilizado por Potâmio²², reporta-nos também a este contexto dos *balnea*, edifícios que precisavam de uma contínua conservação, por vezes agravada com reformulações que poderiam vir da reorganização das cidades com o levantamento de muralhas para defesa perante as ameaças das invasões bárbaras, como também aconteceu em Olisipo. A procura de informações que possam, no conjunto do Império, trazer luz sobre a Lusitânia do séc. IV, em confluência diagonal com os textos de Potâmio, pode resultar aqui também muito frutuosa. Ao estudar

¹⁸ Juliano, *op. cit.*, Carta 89b, p.155: *Se eu fora capaz de desterrar absolutamente dos teatros esses espectáculos, de forma que pudessem ser devolvidos a Dionisos purificados, tê-lo-ia tentado com todas as minhas forças, mas creio que isso não é hoje possível e, se parecesse possível, não seria conveniente, pelo que me afastei totalmente dessa ambição; mas os sacerdotes devem afastar-se e deixar ao povo a indecência dos teatros. Nenhum sacerdote, pois, entre num teatro, nem se faça amigo de um homem de teatro, nem de um condutor de carros, e que nenhum bailarino ou actor de mimos se acerque da sua porta.*

¹⁹ M. Justino Maciel, "Lisboa Romana", in *Olisipo* (Lisboa) 3.^a Série, 1 (1994) 37-39.

²⁰ PLS, 1, 205 e PL 8, 1414 e 1416.

²¹ M. Justino Maciel, "Lisboa Romana", *op. cit.*, p. 35.

²² PL 8, 1415.

a legislação produzida pelo Imperador que sucedeu a Constâncio II notamos que ela nos parece muito voltada para o Oriente, uma vez que em grande parte é produzida já depois de ter a seu cargo, apenas como César, o Império do Ocidente. Os textos, cartas e leis são escritos na sua maioria quando Juliano, agora já Augusto e único Imperador, vai a caminho da Pérsia para uma campanha que todos sabemos ter-lhe sido fatal. Todavia, esta documentação poderá encontrar eco no estudo que fazemos do urbanismo na Lusitânia dos meados do séc. IV, caracterizado também, como noutros pontos do Império, por profundas alterações do tecido urbano resultantes sobretudo da reformulação dos traçados dos *moenia* das cidades. Tal é visível, entre nós, em Conímbriga, Egitânia, Ammaia, Évora, *Pax Iulia*, Mértola e também em Olisipo.

No Panegírico que Mamertino dedicou ao Imperador Juliano lemos que neste tempo houve cidades no Ilírico e na Grécia que *se revestiram com as suas muralhas renovadas numa repentina juventude*²³ e, numa Lei de 13 de Março do ano 362, Juliano ordena *que se devolvam as possessões públicas às cidades, de tal modo que se arrendem segundo justo valor, para que se leve a cabo a reconstrução de todas as cidades*²⁴. Esta indicação de que se deviam reconstruir todas as cidades poderá levar a interrogar-nos até que ponto este dinamismo de reformulações urbanas não se espalhou pelo resto do Império e não poderá ter a ver também com o que se passou na Lusitânia do séc. IV. Esta referência a obras urbanas no tempo de Juliano poderá ser útil em novas leituras. Até porque há mais informações. Em 02 de Dezembro de 362, o Imperador averiguou *que muitos levantaram casas sobre infra-estruturas públicas sujeitas à posse das cidades*. E ordena que seja reconhecido aos que aí construíram a posse dos respectivos edifícios²⁵. E explicitava: *Quem tiver construído e expensas suas num lugar da cidade que não a prejudique, que conserve como próprio o construído e, mais ainda, que se lhe agradeça porque*

²³ “Claudii Mamertini gratiarum actio Juliano”, IX, in E. Galletier, *Panegyriques Latins*, III (XI-XII), Paris, Les Belles Lettres, 1955, p. 24: *Todas as cidades da Macedónia, da Ilíria e do Peloponeso, com uma ou duas cartas do grande Imperador, se revestiram com as suas muralhas renovadas numa repentina juventude... Cunctas Macedoniae, Illyrici, Peloponnesi ciuitates unis an binis epistulis maximi imperatoris repentinam induisse nouatis moenibus iuuentatem.*

²⁴ Juliano, *op. cit.*, Lei 47b, p. 279.

²⁵ Juliano, *op. cit.*, Lei 128b, p. 299.

*embeleza a cidade*²⁶. Na Lusitânia, foi verificado arqueologicamente e podemos ainda hoje constatar em Conímbriga um comportamento que tem a ver com esta legislação casuística: com o levantamento da muralha do Baixo Império, há pelo menos um espaço deixado livre que é apropriado pelo dono da chamada *Domus de Cantaber* para um pequeno *impluuium* e duas salas, uma das quais, possivelmente, para *stibadium* ou local para refeições com disposição de leito sigmático.

A Lusitânia participa, no decorrer do séc. IV, sem dúvida, do pulsar de todo o Império. Por isso o bispo de Lisboa se torna conhecido, envolvido no turbilhão das lutas entre arianos e católicos, em que intervêm directamente os Imperadores, desde Constantino a Teodósio. Não fora isso e as referências a esta Província, na documentação do tempo, pouco passariam da visão mítica das terras na orla do Mar Oceano, associada ainda a uma concepção ptolemaica do mundo, como a descrição que o panegirista de Juliano faz das *Fortunatorum Insulae*, onde *homens justos habitam umas terras no oceano, a que chamam Ilhas dos Afortunados, porque nelas os cereais nascem no solo sem arado, os pendores das colinas se cobrem naturalmente de videiras, as árvores se carregam espontaneamente de fruto e os legumes substituem por toda a parte as ervas*²⁷, ou do apoio que o imperador concede ao filósofo Crispo para ir estudar o Oceano, permitindo-lhe para o efeito viajar na posta pública²⁸. A preocupação científica surge *pari passu* com a cosmogónica, onde a ideia de *Paradisus* se reflecte *in extremitate mundi*, como ainda poucos anos depois, nos finais do séc. IV, é referido à peregrina Etéria²⁹, no séc. V sentirá Idácio, bispo de *Aquae Flaviae*³⁰, e no séc. VI dirá Venâncio Fortunato, bispo de Poitiers, ao dirigir-se a Martinho de Braga³¹, numa tensão

²⁶ Idem, pp. 299-300-

²⁷ "Claudii Mamertini...", *op.cit.*, pp. 35-36: *Habitari ab iustis uiris in Oceano terras ferunt quas Fortunatorum insulas uocant, quod per eas non arato solo frumenta nascuntur, fortuitis uitibus iuga collium uestiuntur, sponte pomis arbor grauatur, ab herbarum uicem olus uulgo est.*

²⁸ Juliano, *op.cit.*, Carta 13, pp. 78-79.

²⁹ P. Maraval, *Égérie, Journal de Voyage (Itinéraire)*, Paris, "Sources Chrétiennes", 1982, p. 204: *de extremis porro terris...*

³⁰ A. Tranoy, *Hydace, Chronique*, Paris, "Sources Chrétiennes", 1974, p. 100: *ut extremus plagae, ita extremus et uitae...*

³¹ Venâncio Fortunato, *Ad Martinum Episcopum Galliciae*, PL 88, 179: *Alterum ad occasum Deus plantasset Elysium...*

entre a concepção órfica e o imaginário bíblico-cristão que servirá de fulcro a uma visão progressivamente mais cultural e humana, *entre âleas de pedras preciosas de um coração transparente e umbrosos cachos de hera de cultura primaveril, não cobertas de folhas de figueira mas, pelo contrário, ornadas de frutos*³².

Potâmio fala-nos também de *figus in Paradiso*³³ e Juliano descreve o fruto da figueira como oferenda para os deuses, posta sobre os altares como sacrifício e melhor que o incenso para a produção de perfumes³⁴. O figo era então reconhecido como o melhor fruto mediterrânico, exportado já nesse tempo para a Índia, a Pérsia e a Etiópia³⁵ e também por isso nos aparece em Potâmio juntamente com outros que igualmente são imagem do paraíso, como a cereja/*cerasium*, a pera/*pirum*, a maçã/*pomum*, a ameixa/*prunum*, num edénico contexto onde florescem árvores³⁶ com folhas³⁷, flores³⁸ e frutos³⁹, bálsamo⁴⁰, erva⁴¹, loureiros⁴², lírios⁴³, palmeiras⁴⁴, trigo⁴⁵ e rosas⁴⁶.

Era sobretudo na *Villa* que o *potentior* experimentava esta sensação de felicidade paradisíaca, seja no contexto da paisagem, da flora e da fauna, seja no contexto da *aurea mediocritas* em que o calmo suceder dos dias e das estações lhe possibilitavam o exercício da *uirtus* na prática da *uenatio*, na gestão dos trabalhos agrícolas e na fruição do *locus amoenus*, experiências estas, reais ou imaginadas, que fazia

³² Ibidem: *inter perspicui cordis smaragdinas plateas et uernantis operis inumbratos corymbos, non quod ficus teget, sed fructus ornaret...*

³³ PLS 1, 207.

³⁴ Juliano, *op. cit.*, Carta 180, p.197.

³⁵ Idem, p. 200.

³⁶ PLS 1, 207

³⁷ PL 8, 1414.

³⁸ PLS 1, 205, 214-215 e PL 8, 1412-1414.

³⁹ PLS 1, 207.

⁴⁰ PLS 1, 215 e PL 8, 1412.

⁴¹ PLS 1, 205.

⁴² PL 8, 1418.

⁴³ PL 8, 1414.

⁴⁴ PLS 1, 207 e 217.

⁴⁵ PLS 1, 216.

⁴⁶ PLS 1, 212 e PL 8, 1412.

representar nos seus *opera tessellata*, nos seus frescos ou na escultura, fosse nos espaços do quotidiano, fosse nos ambientes funerários, progressivamente desenvolvidos nos anexos da própria mansão rural. Potâmio utiliza nos seus textos, uma vez, o termo *Villae*⁴⁷ e já referimos que recebeu de Constâncio II um *fundus*, querendo talvez com isso o Imperador demonstrar-lhe a sua amizade ou premiá-lo. Comportamento que não seria raro no tempo. Juliano, poucos anos depois, também oferece ao retórico Evágrio, seu amigo, uma propriedade ('agrós) de quatro terras com residência (*dwma*), *balnea* e *uiridarium* que havia herdado da sua avó, na Bitínia, que descreve, na linha de Plínio-o-Jovem, com o pormenor e o carinho típicos dos proprietários romanos⁴⁸.

Na Lusitânia do séc. IV temos bons exemplos de *Villae* que foram autênticas mansões rurais, algumas delas imitando claramente os modelos áulicos, como as de S. Cucufate⁴⁹, Milreu⁵⁰, Rabaçal⁵¹, Torre de Palma⁵², Santa Vitória do Ameixial⁵³ e Odrinhas⁵⁴, seja na

⁴⁷ PLS 1, 205.

⁴⁸ Juliano, *op. cit.*, Carta 4, pp. 71-72: Ponho à tua inteira disposição uma pequena propriedade de quatro terras que me deixou a minha avó na Bitínia...Subindo da casa a uma colina, verás o mar da Propôntida, as ilhas e a cidade de Constantinopla sem andares sobre algas e musgos nem seres importunado pelas imundícies lançadas à costa e às praias, muito desagradáveis só de nos lembrarmos delas, mas apenas sobre liliáceas, tomilho e odorífera relva. Uma grande tranquilidade envolve o lugar quando, reclinado, se lê um livro e, depois, para descansar a vista, o mais agradável é observar os barcos e o mar. Quando eu era um adolescente muito jovem sentia que era o lugar de veraneio mais agradável, porque tinha boas fontes, um *balneum* não sem encanto, um jardim e árvores... Há também ali uma pequena recordação do meu trabalho de agricultor, uma pequena vinha que produz um vinho aromático e doce, e Diónisos não precisa de esperar que Cronos lhe conceda as suas graças. A uva, na vinha ou espremida no *torcular*, liberta um aroma a rosas... Agora pois, amada cabeça, ofereço-te este presente, pequeno em si, mas agradável, de amigo a amigo, e de "casa a casa", como diz o sábio poeta Píndaro...

⁴⁹ J. Alarcão, R. Étienne et F. Mayet, *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990.

⁵⁰ Th. Hauschild, "O edifício de culto do complexo de Ruínas Romanas perto de Estoi, na Província da Lusitânia", in *Arqueologia e História* (Lisboa) Série X (I-II) 1 (1984-1988) 123-130.

⁵¹ M. Pessoa, *Villa Romana do Rabaçal, um objecto de arte na paisagem*, Penela, 1998.

⁵² M. Heleno, "A Villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte)", in *O Arqueólogo Português* (Lisboa) 2.^a Série, 4 (1962) 313-338.

arquitectura, seja nos programas decorativos. A tradicional arquitectura romana religiosa, civil, termal ou funerária, influenciou não só os espaços litúrgicos cristãos nas suas plantas, alçados e decoração, como também a construção, tipologias e evolução arquitectónicas destas *Villae*. A arqueologia mostra-nos também materiais reutilizados, ou de diferente proveniência, como sejam colunas de diferentes mármore, capitéis de diferentes tipos, elementos decorativos assimétricos, fustes de pedra junto de outros de tijolo de quadrante, o que se poderá enquadrar nos comportamentos atrás referidos de se reutilizarem *ornamenta* oriundos de templos e de outras construções.

A *Villa* torna-se, nos tempos de Potâmio e de Juliano, progressivamente, um elemento polarizador da cultura romana, o lugar eleito pelas classes mais altas para manter o *status* que iam perdendo na cidade, o contexto ideal para ultrapassar a crise agora sobretudo existencial e o fulcro providencialmente encontrado pelo Cristianismo para, uma vez atingidos os seus objectivos na cidade, se dimensionar no campo⁵⁵. Neste espaço entendemos a razão pela qual a cultura dominante nestes meados do séc. IV se centra nos temas ligados às Musas, a Orfeu e aos filósofos/pedagogos, com uma referência cada vez mais cultural a Apolo, Diónisos, Pã, Sereias, Hermes, Teseu⁵⁶...

⁵³ L. Chaves, “Estudos lusitano-romanos. 1. A *Villa* de Santa Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz). Escavações em 1915-1916”, in *O Archeólogo Português* (Lisboa) 30 (1938) 14 -177.

⁵⁴ M. Justino Maciel, *A Antiguidade Tardia no “ager” olisiponense. O Mausoléu de Odrinhas*, Porto, 1999.

⁵⁵ M. Justino Maciel, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996, pp. 108-117.

⁵⁶ Vejam-se nomeadamente as Cartas de Juliano ao filósofo Jâmblico, Juliano, *op. cit.*, Cartas 181 a 187, pp. 204-218, onde o Imperador lhe pede que o prenda a si como se fosse um desertor das Musas (p.208), pois o filósofo é como Hélios que ilumina culturalmente o helenismo, como um Esculápio de almas eloquentes (p.211), como um Hermes que não emprega o caduceu para adormecer mas sim para agitar e despertar (p. 212). Como Apolo e Orfeu pulsando a lira (p. 214), Pã levando aos lábios a siringe (p.214 e 215), as Musas vencendo as Sereias (p. 214) e Diónisos golpeando o tirso, *assim nós também respondamos convenientemente ao eco do plectro de Jâmblico, da mesma maneira que os que acompanham o director do coro à chamada do ritmo* (p. 215). E as referências continuam a Teseu (p. 215), Hécale (ib.), Hermes (ib.), Ulisses (p.216), Io e Argos (ib.), Proteu (p. 217), assim como a Homero e aos filósofos Sócrates e Platão, para sublinhar, ainda segundo as palavras de Juliano, *essa espécie de sagrado fulgor da verdadeira e fecunda cultura* (p.218).

A linguagem de Potâmio pressupõe o mesmo substrato cultural. Usa palavras, expressões e temas conotados directamente com o classicismo e mesmo com a religião tradicional greco-romana, concomitantemente com outros que gradativamente se assumem, em continuidade, como pertencendo já a um património bíblico-clássico ou romano-cristão e com outros que se revelam já conceptualmente como de novidade bíblico-cristã⁵⁷. Em todas estas circunstâncias se verifica a correspondência signo linguístico – signo artístico, que se dinamizam aos nossos olhos na convergência dos textos escritos com a arquitectura e sua decoração a nível da escultura, da pintura, do mosaico e outras artes, na interacção Cidade – *Villa*.

A referência de Potâmio, por exemplo, à Hidra de Lerna⁵⁸, como imagem do arianismo, dá-nos conta deste substrato cultural, assim como quando se refere ao inferno como *Barathrum*⁵⁹. Mas as suas referências aos *Aedes*⁶⁰, aos *Astrorum Signa*⁶¹, ao *Orbis Tenebrarum*⁶² e mesmo à *Laurea*⁶³ e aos *Quadriformia Elementa* (*frigus, calor, terra, humus*)⁶⁴ testemunha também uma apropriação, por este escritor lusitano-romano, do discurso clássico tradicional, a que poderíamos acrescentar todo um léxico significativo e o resultado de uma análise literária que nos levaria mais para o campo linguístico⁶⁵.

A linguagem do primeiro bispo conhecido de Lisboa radica, no fundo, numa preocupação mais ideológica do que filosófica, aliás como acontece com a de Juliano. Os signos que usam contextualizam-se nos respectivos comportamentos religiosos, mas não se libertam dos referenciais do quotidiano real e cultural, preocupados que se encontram com o Homem e o seu Destino. Daí que ambos se cruzem na tomada de consciência da dialéctica Vida-Morte e/ou Morte-Vida e

⁵⁷ M. Justino Maciel, “Terminologie symbolique et artistique d’auteurs du IV^e Siècle: Pacianus de Barcelone et Potamius de Lisbonne”, in *Colloqui Internacional “Pacià i la Hispània Cristiana del Segle IV*, Barcelona-Lyon, 1996.

⁵⁸ PL 8, 1417.

⁵⁹ PL 8, 1418.

⁶⁰ PLS 1, 205.

⁶¹ PLS 1, 212.

⁶² PLS 1, 204.

⁶³ PL 8, 1418.

⁶⁴ PL 8, 1413.

⁶⁵ M. Justino Maciel, “Terminologie symbolique et artistique..., *op. cit.*

recorram a palavras, expressões, temas, signos artísticos e mitos para sublinhar a Vida.

Os programas temáticos de *opera tessellata* e de baixos-relevos da Lusitânia do séc. IV poderão ser lidos nesta dialéctica aqui focada. O ideário desta arte terá assim uma leitura que a aproxima das preocupações filosóficas, existenciais e mesmo religiosas típicas destes escritores do Século de Constantino, que vêm no modelo do Homem Músico, do *Mousikós Anêr*⁶⁶, a expressão de uma procura, através da referência ou representação da luta de contrários, tentando encontrar ou, pelo menos, vislumbrar uma saída para o labirinto existencial, figura tão significativamente patente em vários mosaicos de Conímbriga, onde se reflectem com eloquência estas preocupações.

Bibliografia

- Alarcão, J., R. Étienne et F. Mayet, *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990.
- Bidez, J., *L'Empereur Julien, Lettres*, Paris, Belles-Lettres, 1960.
- Chaves, L., “Estudos lusitano-romanos. 1. A Villa de Santa Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz). Escavações em 1915-1916”, in *O Archeólogo Português* (Lisboa) 30 (1938) 14-177.
- Galletier, E., *Panegyriques Latins*, III (XI-XII), Paris, Les Belles Lettres, 1955
- García Blanco, J. y P. Jiménez Gazapo, Juliano, *Contra los Galileos, Cartas y Fragmentos, Testimonios, Leyes*, Introd., Trad. y notas por, Madrid, Ed. Gredos, 1982.
- Hamman, A., ed., *Patrologiae cursus completus – Series latina – Supplementum* (PLS), Paris, 1958 ss
- Hauschild, Th., “O edifício de culto do complexo de Ruínas Romanas perto de Estoi, na Província da Lusitânia”, in *Arqueologia e História* (Lisboa) Série X (I-II) 1 (1984-1988) 123-130.
- Heleno, M., “A Villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte)”, in *O Arqueólogo Português* (Lisboa) 2.^a Série, 4 (1962) 313-338.
- Hillgarth, J. & M. Conti, eds., *Altercatio Ecclesiae et Synagogae – Potamius Olisiponensis, Opera Omnia*, Turnhout, 1999.
- Maciel, M. Justino, *A Antiguidade Tardia no “ager” olisiponense. O Mausoléu de Odrinhas*, Porto, 1999.

⁶⁶ H.-I. Marrou, *Mousikós Anêr, Études sur les scènes de la vie intellectuelle figurant sur les monuments funéraires romains*, Grenoble, 1938.

- Maciel, M. Justino, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996.
- Maciel, M. Justino, “A Arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711)”, in *História da Arte Portuguesa* (Dir. Paulo Pereira), Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pp. 102-149.
- Maciel, M. Justino, “Lisboa Romana”, in *Olisipo* (Lisboa) 3.^a Série, 1 (1994) 33-42.
- Maciel, M. Justino, “Terminologie symbolique et artistique d’auteurs du IV^e Siècle: Pacianus de Barcelone et Potamius de Lisbonne”, in *Colloqui Internacional “Pacià i la Hispània Cristiana del Segle IV*, Barcelona-Lyon, 1996.
- Maraval, P., *Égérie, Journal de Voyage (Itinéraire)*, Paris, “Sources Chrétiennes”, 1982
- Marrou, H.-I., *Mousikós Anêr, Études sur les scènes de la vie intellectuelle figurant sur les monuments funéraires romains*, Grenoble, 1938.
- Migne, J.-P., ed., *Patrologiae cursus completus – Series latina* (PL), Paris, 1844 ss
- Moreira, A. Montes, *Potamius de Lisbonne et la controverse arienne*, Louvain, 1969.
- Pessoa, M., *Villa Romana do Rabaçal, um objecto de arte na paisagem*, Penela, 1998.
- Tranoy, A., *Hydace, Chronique*, Paris, “Sources Chrétiennes”, 1974.